

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE MÃES ATÍPICAS: AS INFORMAÇÕES MANIFESTADAS SOBRE AUTISMO NO PERFIL SOMOS COLO DE MÃE

THE INFORMATIONAL PRACTICES OF ATYPICAL MOTHERS: THE INFORMATION SHARED ON THE SOMOS COLO DE MAE PROFILE

Déborah Galvão de Souza – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Rodrigo Silva Caxias de Sousa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: esta pesquisa analisa as práticas informacionais de mães atípicas do perfil @somoscolodemae no Instagram. A pesquisa busca compreender de que forma essas mães se valem do Instagram para buscar, utilizar, compartilhar e ressignificar informações em contextos marcados por incertezas. Discutimos o conceito de práticas informacionais e suas contribuições para a compreensão das dinâmicas informacionais em contextos específicos, como o das mães atípicas no Instagram. O conceito de resiliência informacional engloba todo o processo de como as mães lidam com a informação, desde a ruptura inicial e as barreiras emocionais até o desenvolvimento de práticas informacionais que lhes permitem encontrar apoio, orientação e ressignificar suas experiências. Discutimos a dor vivenciada pelas mães atípicas e propusemos o conceito de "dor materno-atípica". A Análise do Conteúdo foi utilizada como metodologia, possibilitando identificar o que está sendo dito a respeito do tema, e sua aplicação oferece uma abordagem sistemática para interpretar o discurso e suas interações. A análise concentra-se em 02 postagens do feed do Instagram do perfil @somoscolodemae, e a investigação concentrou-se na forma como as mães atípicas compartilham vivências e dores no contexto da maternidade atípica, evidenciando práticas informacionais que se articulam a dimensões emocionais, sociais e culturais. Os resultados concluem que as práticas informacionais das mães atípicas no Instagram se pautam a partir do compartilhamento de informações.

Palavras-chave: maternidade atípica; práticas informacionais; resiliência informacional; Instagram; estudo de usuários.

Abstract: this study analyzes the informational practices of atypical mothers on the Instagram profile @somoscolodemae. It aims to understand how these mothers use Instagram to search for, utilize, share, and reframe information in contexts marked by uncertainty. The research discusses the concept of informational practices and its relevance for understanding the dynamics of information in specific contexts, particularly that of atypical motherhood on social media. The concept of informational resilience is adopted to encompass the entire process through which mothers interact with information from the initial rupture and emotional barriers to the development of practices that enable support, guidance, and the reframing of experiences. The study also proposes the concept of "maternal-atypical pain" to describe the unique emotional and social challenges faced by these women. Content Analysis was used as the methodological approach, enabling a systematic interpretation of discourse and interactions within two selected posts from the @somoscolodemae

Instagram feed. The investigation reveals how atypical mothers express and share their experiences and emotional struggles in digital spaces, highlighting informational practices that are deeply intertwined with emotional, social, and cultural dimensions. The results show that the informational practices of atypical mothers on Instagram are primarily rooted in the collaborative sharing of information.

Keywords: atypical motherhood; informational practices; informational resilience; Instagram; user studies.

1 INTRODUÇÃO

A maternidade, enquanto experiência multifacetada e socialmente construída, tem sido historicamente atravessada por discursos normativos que idealizam o papel materno e o associam à abnegação, resiliência incondicional e sacralização do cuidado. No entanto, no contexto contemporâneo, vozes dissidentes têm emergido, especialmente nos espaços digitais, para questionar tais representações e visibilizar experiências que rompem com o modelo hegemônico da maternidade. Nesse cenário, destaca-se a vivência da maternidade atípica, termo utilizado para designar as mães de crianças com desenvolvimento neuroatípico, como aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Essa pesquisa se insere no campo da Ciência da Informação, ao investigar como as mães atípicas utilizam o Instagram como suporte para práticas informacionais que envolvem busca, uso, compartilhamento e ressignificação da informação. A escolha pela abordagem das práticas informacionais deve-se à sua capacidade de articular dimensões cognitivas, sociais, emocionais e culturais, permitindo compreender os modos como os sujeitos constroem e mobilizam informações em seus cotidianos.

Nesse sentido buscamos analisar como se caracterizam as práticas informacionais das mães atípicas no perfil @somoscolodemae no Instagram. Definimos como objetivo analisar as práticas informacionais das mães atípicas materializadas no conteúdo das publicações no feed do perfil @somoscolodemae no Instagram.

A relevância deste estudo reside, em primeiro lugar, na lacuna de pesquisa sobre o tema no campo da Ciência da Informação no Brasil, ao abordar a maternidade atípica em sua interface com práticas informacionais em redes sociais digitais. Em segundo lugar, destaca-se por promover uma escuta qualificada das vozes de mulheres que frequentemente têm suas dores silenciadas; por fim, contribui para a ampliação dos estudos de usuários e das práticas informacionais em contextos socioculturais marcados pela vulnerabilidade.

Em relação à estrutura do texto, o artigo está organizado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se o referencial teórico sobre práticas informacionais, resiliência

informacional e a categoria analítica “dor materno-atípica”. Em seguida, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Posteriormente, realiza-se a análise de duas postagens do perfil @somoscolodema, com base em categorias emergidas a partir da análise de conteúdo. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se discutem os principais achados e contribuições do estudo para a área da Ciência da Informação.

2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Parte-se do entendimento de que a informação é um fenômeno situado, construído nas relações sociais e nas experiências vividas pelos sujeitos. Assim, ao invés de se limitar à busca por dados ou respostas objetivas, as práticas informacionais envolvem modos de agir, interagir, interpretar e compartilhar saberes em contextos específicos. A definição de práticas informacionais adotada no trabalho baseia-se em uma abordagem sociocultural, especialmente nas contribuições de Savolainen (1995), Araújo (2017), McKenzie (2003), Lloyd (2010), Tuominen, Savolainen e Talja (2005) e Harlan (2012).

A inserção do conceito de práticas informacionais na Ciência da Informação ganhou maior robustez a partir da contribuição de Savolainen (1995), que ressalta que as ações relacionadas à informação, como busca, uso e compartilhamento, estão inseridas em contextos sociais e culturais e não se dão de maneira isolada. A partir de uma ampla articulação entre teorias sociais e culturais, com foco nas ações dos sujeitos em seus cotidianos, Araújo (2017) destaca que tais práticas estão ancoradas em fundamentos das ciências humanas e sociais, sendo influenciadas por diversas correntes e tradições de pesquisa. Autores como McKenzie (2003), Lloyd (2010), Tuominen, Savolainen e Talja (2005) e Harlan (2012) contribuíram para a construção de modelos que compreendem as práticas informacionais como processos coletivos e dialógicos, destacando o papel das comunidades, dos afetos e dos dispositivos tecnológicos nas formas de produção e circulação da informação.

No que se refere às ações de informação, compreende-se que estas não se restringem apenas a um ato comunicativo, mas representam também um fazer orientado do sujeito, voltado para a produção de sentido que reverbera coletivamente na sociedade. González de Gómez (2004) observa que a informação é sempre direcionada para alguém e possui um propósito específico, sendo, portanto, atravessada por intencionalidades que a vinculam à ação. O uso de uma plataforma social digital reorganiza a forma como os sujeitos acessam, produzem e compartilham informações, criando territórios informacionais permeados por

intencionalidades, emoções e condicionamentos tecnológicos (Araújo, 2014; Carneiro *et al.*, 2018).

O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista causa uma interrupção significativa na vida cotidiana das mães. Estudos indicam que mães de crianças atípicas apresentam níveis mais elevados de estresse em comparação aos pais, além de relatarem uma maior insatisfação com a qualidade de vida (Demsar; Bakracevic, 2023). No caso das mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa sobrecarga se intensifica, pois o cuidado com os filhos torna-se uma prioridade, frequentemente levando à renúncia do autocuidado, da vida profissional, social e das atividades de lazer (Constantinidis; Pinto, 2020). Nesse cenário, as práticas informacionais colaborativas emergem como ferramentas essenciais para a reconstrução de sentidos. Por meio de interações sociais e trocas de experiências, os sujeitos desenvolvem formas de buscar, interpretar e compartilhar informações em rede, formando vínculos de apoio e ampliando suas capacidades de enfrentamento. Essa dinâmica é fundamental para o fortalecimento da resiliência informacional, conceito discutido por Lloyd (2014, 2015), que reconhece a informação como elemento estruturante em contextos de vulnerabilidade.

2.1 Resiliência Informacional das mães atípicas

O conceito de resiliência informacional emerge da ampliação do termo “resiliência”, anteriormente usado na física e em ciências humanas como psicologia e ecologia, para a área da Ciência da Informação. Segundo Lloyd (2014), trata-se da capacidade de indivíduos e grupos mobilizarem, adaptarem e utilizarem informações de forma eficaz diante de situações adversas, como ambientes informacionais hostis ou desconhecidos. Inspirada em estudos com refugiados, Lloyd destaca que a resiliência informacional está relacionada a práticas coletivas, redes sociais de apoio, mediações situacionais e à circulação de informações em espaços cotidianos. Essas mães constroem estratégias em relação à informação que ultrapassam a perspectiva de uma prática individual. Elas formam redes de suporte, compartilham experiências, validam emoções e desconfortos mútuos e produzem significados coletivos que ajudam a mitigar as barreiras informacionais. Essas barreiras, conforme Brasileiro (2019), são não apenas técnicas, mas também emocionais, como medo, ansiedade, desânimo e insegurança, que afetam a tomada de decisão e o uso efetivo da informação. No contexto da maternidade atípica, as emoções desempenham papel central nas práticas informacionais,

Sentimentos como culpa, medo, ansiedade e insegurança são construções socioculturais que interferem diretamente na busca, uso e compartilhamento de conteúdos, moldam decisões e refletem pressões sociais idealizadas sobre o papel e a dor materna advinda dessa condição (Badinter, 1985).

2.2 A dor materno-atípica

A dor é de natureza multifacetada e evidencia sua trajetória representacional e interpretativa ao longo da história, sob o prisma de diversas lentes socioculturais. Ressaltamos que a dor extrapola a dimensão meramente física, entrelaçando-se intrinsecamente com aspectos emocionais, cognitivos e culturais. A compreensão da significação da dor revela-se fundamental para a presente investigação, constituindo o alicerce sobre o qual este estudo se sustenta. Na perspectiva de Le Breton (1999) a dor é uma experiência desconcertante, que resiste a explicações simplificadas por ser, ao mesmo tempo, sentida e interpretada, inserida em um contexto de significados e valores. Para o autor, o universo humano é constituído por significações e valores que orientam a ação, de modo que a rede social e cultural em que o indivíduo e a dor estão inseridos influencia diretamente sua interpretação e seu valor simbólico. É nesse contexto que propomos o conceito de "dor materno-atípica". Tais mulheres vivenciam dores que extrapolam o físico: dores do não reconhecimento, da invisibilidade, da sobrecarga, do luto simbólico, da solidão diante das demandas incessantes do cuidado. Por meio de narrativas textuais, visuais e afetivas, essas mães compartilham experiências, constroem comunidades de pertencimento e produzem sentidos que desafiam os discursos normativos sobre maternidade, deficiência e sofrimento. Na pesquisa intitulada Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores, Misquiatti *et al.* (2015) identificou que 80% dos cuidadores responsáveis pelas crianças autistas eram mães. A sobrecarga do cuidado, frequentemente atribuída à figura materna, tem implicações significativas na vida das mulheres, sobretudo quando envolve a necessidade de abdicar do seu autocuidado e da própria trajetória profissional (Constantinidis; Pinto, 2020). Esse processo, além de impor desafios práticos, acarreta um impacto emocional profundo, caracterizado por estresse, frustração e um intenso sentimento de perda, que pode comprometer a saúde mental e o bem-estar dessas mães (Constantinidis; Silva; Ribeiro, 2018). Pesquisas indicam que mães de crianças com desenvolvimento atípico reportam níveis de estresse superiores aos dos pais, além de manifestarem maior insatisfação com a própria vida

(Demsar; Bakracevic, 2023). O compartilhamento de informações sobre esses desconfortos e dores, longe de configurar mero desabafo, constitui-se como ato político fundamentado em informações. Por meio de textos, imagens e interações, mães atípicas criam redes de apoio, rompem com o silêncio imposto pelos discursos normativos e produzem resiliência informacional, transformando vivências de sofrimento em conhecimento coletivo e fortalecimento mútuo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

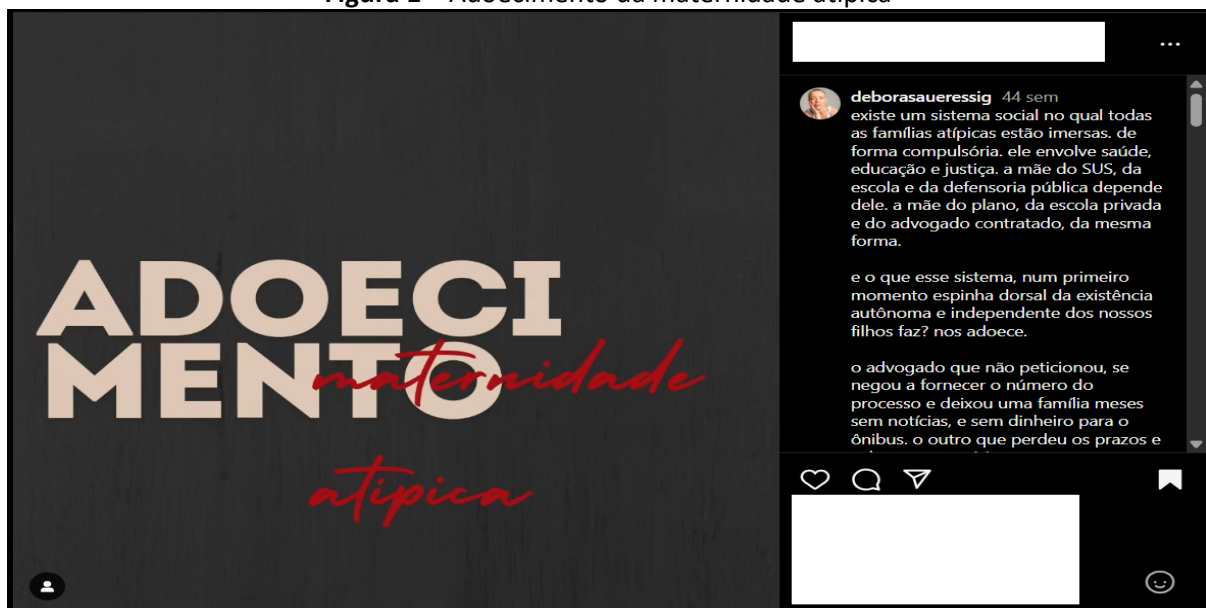
Pesquisa de abordagem exploratória-descritiva com o objetivo de analisar as práticas informacionais das mães atípicas no Instagram. O processo exploratório teve início em dezembro de 2023 com assuntos pertinentes em torno do tema autismo. Após a coleta dos dados dos feeds, começamos a pré-análise, que envolveu a leitura do material com o intuito de identificar o que Bardin (2010) chama de unidades de registro. Dessa forma, iniciamos uma pré-codificação das 02 postagens e fizemos registros em uma planilha Google, com a captura das imagens. Esse processo de codificação dos dados, realizado a partir das postagens do Feed, resultou na identificação de 09 categorias, conforme elencadas a seguir: ações de informação - orienta-se para um agir ou fazer do sujeito com a intenção de informar algo. (Araújo, 2014; Barreto, 1994; González de Gómez, 1999); contexto - conjunto de circunstâncias que condicionam a ação de informação); perfil envolvido na marcação - característica de quem é envolvido na marcação e consiste no uso de arroba “@” precedendo o nome do perfil, possibilitando sua citação e notificação em uma postagem; tom - mensagem emocional explícita que o texto transmite; intencionalidade - objetivo a ser alcançado com a ação de informação efetivada (González de Gómez, 1999); hipermídia - recursos utilizados para apresentação da postagem; figura de linguagem - recurso utilizado para realçar uma ideia (Faraco; Mouza, 1992); sentimentos - as emoções são construídas a partir da interpretação cognitiva e emocional de sensações corporais, acompanhado de fatores sociais e culturais (Barrett, 2017); sensações - Construções conscientes e subconscientes que atribuem significado às sensações físicas, aos contextos e às experiências sociais (Barrett, 2017). Nesse estudo, apresentamos 09 categorias em virtude da dimensão do conteúdo do trabalho, sendo um recorte de uma dissertação de mestrado em etapa de defesa.

4 ANÁLISE DAS POSTAGENS

Nesta seção, apresentamos as imagens das postagens a serem analisadas, aspectos representativos relativos ao texto completo extraído do feed do perfil @somoscolodeemae no Instagram e a análise descritiva dos textos.

A postagem 1, intitulada Adoecimento da maternidade atípica, revela um retrato doloroso das condições enfrentadas pelas mães de filhos atípicos dentro de um sistema social que muitas vezes não oferece suporte adequado, além de negligenciar as suas necessidades. A dor vivida pelas mães é o reflexo de uma estrutura social falha que impõe obstáculos desumanizadores, tornando-as vulneráveis a uma série de abusos e frustrações cotidianas.

Figura 1 – Adoecimento da maternidade atípica



Fonte: @somoscolodemar, Instagram, 2025.

Texto completo:

Existe um sistema social no qual todas as famílias atípicas estão imersas. de forma compulsória. ele envolve saúde, educação e justiça. e o que esse sistema, num primeiro momento espinha dorsal da existência autônoma e independente dos nossos filhos faz? nos adocece. o advogado que não peticionou, se negou a fornecer o número do processo e deixou uma família meses sem notícias, e sem dinheiro para o ônibus. o outro que perdeu os prazos e culpou a secretária. o outro que respondeu à mãe que quando tudo é urgente nada é e que ela se acalmasse pois dentro do período hábil o trabalho seria feito. que ela se acalmasse. ela, a mãe, a contratante, a pessoa que pagando por um serviço está com o filho sem acesso às terapias. você leu certo. o terapeuta que tem valores diferentes de sessão a depender do desespero materno e do sabor do vento. o outro que confirma a agenda para horas depois desmarcar e deixar a criança absolutamente desorganizada. sob os cuidados de quem? adivinha? pois. ela mesma, a tal mãe. o outro que iniciou o tratamento a partir de um contrato, mas que no meio da intervenção achou que aquele não era um bom modelo de trabalho, que o plano demora a fazer o repasse do valor. e agora? dá um jeitinho, mãe. o protocolo intensivo solicitado sem reembolso previsto, sem choro nem vela, mas dito fundamental para o desenvolvimento. vende o carro ou a casa, mãe, é o seu filho. não tem carro e nem casa, trabalha oitenta

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

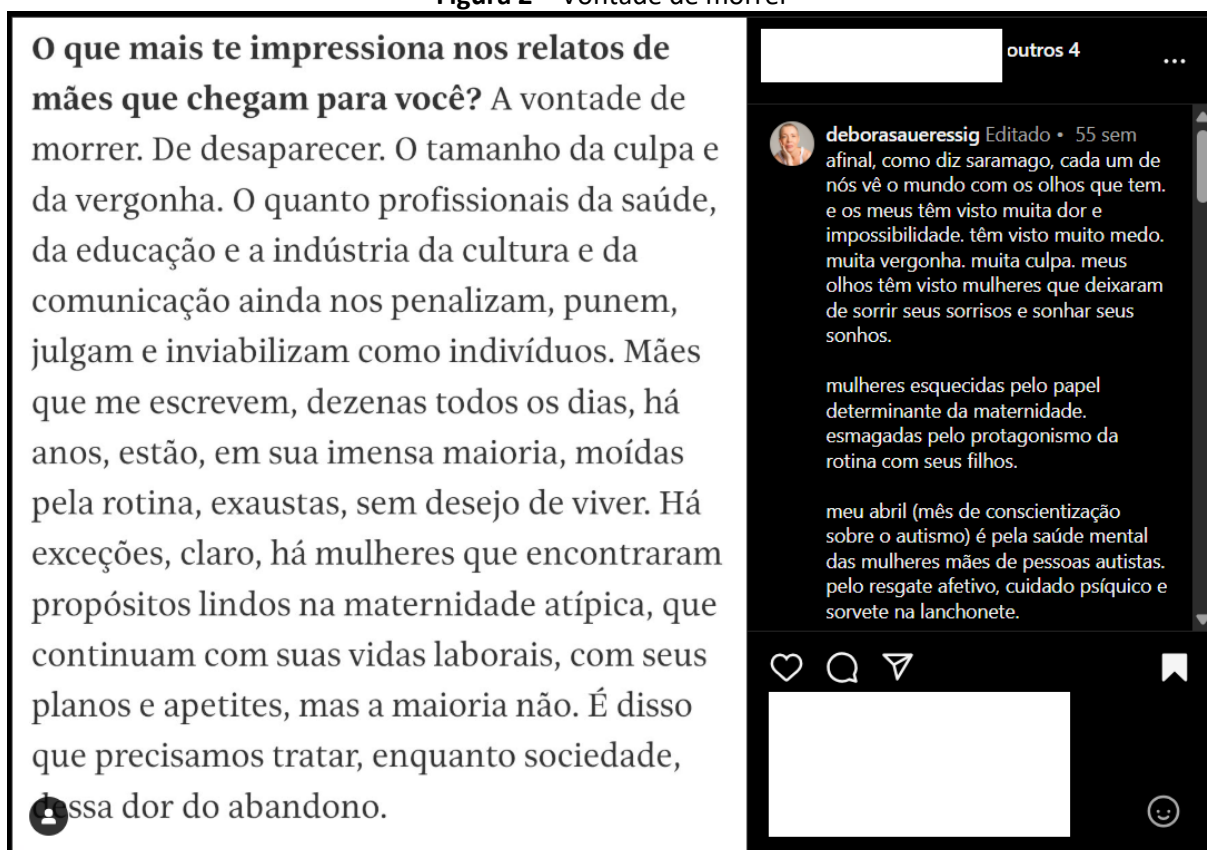
horas por semana, ele precisa. o médico? ah, o médico não tem agenda. nem horário. não tem disponibilidade para responder whatsapp. o médico cobra consulta e depois cobra retorno para o laudo. cobra consulta e depois indica medicação. mas e se o remédio tiver efeito adverso, posso voltar, ligar, fazer o quê? ah, aí a gente vê, mãe! mas e se o plano negar? aí o problema é do advogado, não meu. mesmo plano que tem reajustes anuais, muitos nomes, vários sotaques, mesmas manobras. este ano, sessenta por cento. e agora? a escola ficou de mandar o PEI ontem. desse ontem até hoje, cinco meses. quem vive?

O que pode ser depreendido do conteúdo é que várias barreiras fundamentadas em ruídos de comunicação são evidenciadas, tais como a ausência de transparência dos advogados que não informam sobre o andamento dos processos, terapeutas que alteram agendas e médicos que não têm horários definidos. Isso leva a um cenário de incerteza constante para as mães, que dependem dessas informações para o bem-estar de seus filhos. O conteúdo da postagem permite identificar que problemas burocráticos e desafios no acesso a serviços básicos de saúde e educação impactam diretamente na saúde física e emocional das mães atípicas. A autora enfatiza que este sistema, inicialmente visto como a espinha dorsal para garantir uma existência autônoma e independente para as crianças, na verdade acaba por adoecer as próprias mães. Isso é ilustrado pelos inúmeros obstáculos, frustrações e decepções enfrentadas no dia a dia, desde advogados que não cumprem suas responsabilidades até terapeutas e médicos com práticas questionáveis ou insuficientes. Ao perguntar “Quem vive?” é notório que o as informações em meio a totalidade de conteúdo da postagem resumem a dor e a exaustão enfrentadas por essas mães, que muitas vezes se sentem pressionadas pela responsabilidade de garantir não apenas o cuidado físico, mas também o desenvolvimento integral de seus filhos. Destacamos aqui uma barreira emocional relacionada aos sentimentos de ansiedade, medo e insegurança, que interferem nas capacidades individuais de tomar decisões, estabelecer consenso, selecionar e se apropriar de fontes de informação relevantes, bem como na disposição para enfrentar uma situação adversa (Brasileiro, 2019). No contexto da maternidade atípica, essa dororidade se refere à conexão profunda entre mães que enfrentam desafios únicos ao cuidar de filhos com deficiência. No caso do “desabafo”, analisado, as articulações entre descasos e negligências é desveladora de um desconforto compartilhado em informações no perfil do Instagram. As informações são catalisadoras de uma compreensão mútua e de formas de empatia que conectam essas mães na troca de experiências e aprendizado, sendo a dororidade na

maternidade atípica a possibilidade de promoção um ambiente no qual sejam denunciadas um número expressivo de negligências.

A postagem 02, intitulada Vontade de morrer, traz um relato chocante e comovente. Percebe-se a frequência com que mães se sentem responsáveis pelas dificuldades de seus filhos ou julgadas por não se encaixarem em um ideal de maternidade neurotípica. A internalização desses sentimentos, potencializada pela falta de apoio e, muitas vezes, pelo julgamento de profissionais e da sociedade, as leva à sobrecarga, exaustão e sofrimento psíquico.

Figura 2 – Vontade de morrer



Fonte: @somoscolodemar, Instagram, 2025.

Texto completo:

afinal, como diz saramago, cada um de nós vê o mundo com os olhos que tem. e os meus têm visto muita dor e impossibilidade. têm visto muito medo. muita vergonha. muita culpa. meus olhos têm visto mulheres que deixaram de sorrir seus sorrisos e sonhar seus sonhos. mulheres esquecidas pelo papel determinante da maternidade. esmagadas pelo protagonismo da rotina com seus filhos. meu abril (mês de conscientização sobre o autismo) é pela saúde mental das mulheres mães de pessoas autistas. pelo resgate afetivo, cuidado psíquico e sorvete na lanchonete. para que a sociedade entenda que ao lado de um filho "vivo" há inequivocamente uma mãe igualmente "viva". um indivíduo. alguém autorizado a ser."

O relato demonstra o sofrimento psíquico e o esgotamento emocional das mães atípicas, destacando a manifestação dos desejos de morte, de desaparecimento e um esgotamento generalizado, refletido na ausência de desejo de viver. Esse padrão aponta para um estado de exaustão emocional crônica, agravado pela falta de apoio social e institucional. Os profissionais da saúde, educação e os meios de comunicação são mencionados como agentes que reforçam a penalização dessas mães, o que evidencia a negligência estrutural em reconhecer a subjetividade materna para além da função do cuidado. A maternidade atípica, segundo o relato, é vivida como um esmagamento da identidade pessoal. As mulheres deixam de sonhar, de sorrir e de se enxergar como sujeitos autônomos, sendo reduzidas ao papel exclusivo de cuidadoras. Há, aqui, uma crítica direta aos discursos hegemônicos que glorificam a “mãe especial”, ao custo de silenciar sua dor. Mesmo diante de tanto sofrimento, o depoimento também reconhece que algumas mulheres conseguem ressignificar suas trajetórias, encontrando na maternidade atípica um novo propósito de vida. Trata-se de uma expressão da resiliência informacional, construída por meio de redes de apoio e trocas significativas nas redes sociais. Por fim, o relato apresenta uma convocação ética e política para que se reconheça o direito dessas mulheres ao cuidado, ao afeto e à vida plena. A frase “ao lado de um filho ‘vivo’ há inequivocamente uma mãe igualmente ‘viva’” sintetiza o apelo por humanização e reconhecimento da figura materna como sujeito de direitos e desejos.

A análise evidencia um quadro alarmante de sofrimento coletivo e invisibilizado que permeia o cotidiano de mães atípicas. As práticas informacionais dessas mulheres emergem como estratégias de sobrevivência, onde a busca por informação está indissociavelmente ligada à busca por acolhimento, validação e sentido. Ao mesmo tempo, os dados revelam como a desinformação e a solidão institucionalizada contribuem para o agravamento do sofrimento psíquico, tornando urgente a criação de políticas públicas e redes de apoio informacional que contemplem essas mães como sujeitos singulares. O Instagram, nesse contexto, constitui-se como espaço de acolhimento simbólico e informacional, onde narrativas dolorosas são convertidas em resistência e solidariedade. A dor compartilhada torna-se uma ferramenta de mobilização, permitindo que essas mulheres reconstruam, mesmo que parcialmente, a própria identidade, fragmentada pela sobrecarga e pelo silêncio social.

As análises das postagens colaboram para o processo de análise descritiva desta pesquisa ao fornecerem uma compreensão aprofundada e multifacetada das experiências e

desafios enfrentados por mães atípicas. Os resultados indicam que as práticas informacionais são fundamentais para que essas mães lidem com a ausência de suporte do Estado e da sociedade, revelando como a falta de apoio adequado contribui para o adoecimento físico e emocional dessas mulheres. Além disso, as análises destacam a importância das redes sociais como espaços de acolhimento, onde as mães compartilham informações sobre suas dores, frustrações e buscam validação, configurando-se como uma forma de resistência e cuidado coletivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como propósito central analisar as práticas informacionais de mães atípicas no perfil @somoscolodemae, no Instagram, com ênfase nas formas como essas mulheres manifestam, elaboram e compartilham as dores ligadas à experiência da maternidade atípica. Acerca de uma justificativa metodológica, a partir da análise do conteúdo, buscou-se compreender como essas práticas informacionais constituem-se como estratégias de resiliência, resistência e construção simbólica do próprio maternar.

Com relação ao problema de pesquisa e aos objetivos específicos do trabalho, pensamos ter cumprido todos a que nos propomos. As práticas informacionais das mães atípicas no perfil @somoscolodemae no Instagram caracterizam-se por serem profundamente marcadas por aspectos afetivos, sociais e colaborativos. Elas emergem como resposta à ruptura da normalidade vivenciada após o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em seus filhos, funcionando como estratégias de enfrentamento frente à sobrecarga emocional, à solidão e à invisibilidade social. No ambiente do Instagram, essas mães encontram não apenas fontes de informação, mas, sobretudo, espaços de acolhimento, pertencimento e construção de sentido coletivo.

Tais práticas envolvem múltiplas formas de busca da informação, desde a busca ativa e escaneamento, até o monitoramento informal e a mediação por outras mães, e se manifestam em ações como o compartilhamento de narrativas pessoais, o engajamento com conteúdos afetivos e o fortalecimento de redes solidárias. Sob a perspectiva da resiliência informacional, essas práticas são orientadas por processos de orientação, ajustamento e resignificação, permitindo que essas mulheres reorganizem suas vidas diante do novo cenário e reconstruam suas identidades maternas em um espaço simbólico que valida sua experiência. Assim, a informação, no contexto investigado, não é apenas um recurso técnico,

mas um elo afetivo, político e social que transforma o cotidiano da maternidade atípica e promove empoderamento frente às adversidades.

Ao longo do percurso, observou-se que a maternidade atípica é atravessada por dores (a dor materno-atípica) que não se restringem à dimensão física ou objetiva do cuidado, mas abrangem aspectos emocionais, simbólicos e socioculturais. As mães atípicas vivenciam uma sobrecarga estrutural que se expressa na solidão, no apagamento da identidade feminina em favor da figura da “mãe especial”, e na constante busca por pertencimento e reconhecimento social. Diante disso, o ambiente digital, e especialmente as plataformas de mídias sociais como o Instagram, emergem como espaços de expressão e escuta, onde a dor é narrada, performada e ressignificada.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, a dissertação demonstrou a relevância de abordagens que considerem o caráter situado, afetivo e relacional das práticas informacionais, especialmente em contextos de vulnerabilidade. O conceito de resiliência informacional, conforme desenvolvido por Lloyd (2014), mostrou-se um importante aporte teórico para compreender como essas mães enfrentam situações de incerteza e exclusão informacional por meio da ação colaborativa em rede. A prática informacional, nesse caso, é a ação que cura, transforma e organiza o caos simbólico da dor materno-atípica.

Outro aspecto central foi a consideração da linguagem como mediação simbólica da experiência. A dor, sendo subjetiva e muitas vezes inefável, exige formas expressivas que não se esgotam na racionalidade descritiva. As mães atípicas, ao se apropriarem das ferramentas do Instagram, realizam um movimento de tradução simbólica da dor em significado, como proposto na presente análise. Essa capacidade de significação, operada coletivamente, é o que sustenta os laços de pertencimento e o fortalecimento mútuo.

Portanto, conclui-se que as práticas informacionais das mães atípicas no Instagram transcendem a busca, uso e compartilhamento da informação. Elas constituem territórios de elaboração subjetiva e coletiva, onde a maternidade atípica é narrada em sua complexidade, suas dores são legitimadas e suas vozes, muitas vezes silenciadas nos espaços institucionais, ganham visibilidade. Trata-se de uma prática informacional sensível, engajada e política, um gesto de resistência no campo simbólico, emocional e social.

Por fim, sugere-se que futuros estudos possam ampliar essa discussão para outros contextos de maternidade atípica, bem como explorar com mais profundidade o papel das plataformas digitais como agentes mediadores das práticas de cuidado, informação e

pertencimento. A escuta das mães atípicas, a valorização de suas experiências e a atenção às formas com que constroem conhecimento em rede representam não apenas um gesto de acolhimento acadêmico, mas também um compromisso ético com a produção de uma ciência verdadeiramente inclusiva e sensível às diferenças.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Avila. Práticas informacionais: novo conceito para o estudo dos usuários da informação. *In*: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida; RABELLO, Rodrigo.

Informação: agentes e intermediação, 2017. p. 195-235.

ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de. Atores e ações de informação em redes sociais na internet: pensando os regimes de informação em ambientes digitais. **DataGramZero**, João Pessoa, n. 3, v. 15, 2014.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. **Lisboa Edições**, v. 70, p. 225, 2010.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994.

BARRETT, Lisa Feldman. The theory of constructed emotion: an active inference account of interoception and categorization. **Social cognitive and affective neuroscience**, v. 12, n. 1, p. 1-23, 2017. Disponível em: <https://academic.oup.com/scan/article/12/1/1/2823712>. Acesso em: 23 maio 2025.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. **Resiliência informacional em redes sociais virtuais: práticas colaborativas, emoções e mobilidade**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

CARNEIRO, Bárbara Luisa Ferreira; NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Aprendizagem móvel, competência em informação e mediação: interlocução sob a ótica do paradigma social da ciência da informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 23, n. 52, p. 34-47, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v23n52p34>. Acesso em: 25 maio 2025.

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; PINTO, Alinne Souza. Revisão integrativa sobre a vivência de mães de crianças com transtorno de espectro autista. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 89-103, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/799>. Acesso em: 23 maio 2025.

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina da; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. “Todo mundo quer ter um filho perfeito”: vivências de mães de crianças com autismo. **Psico-USF**, v. 23, p. 47-58, 2018.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

DEMŠAR, Ajda; BAKRACEVIC, Karin. Depression, anxiety, stress, and coping mechanisms among parents of children with autism spectrum disorder. **International Journal of Disability, Development and Education**, v. 70, n. 6, p. 994-1007, 2023. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1034912X.2021.1947474>. Acesso em: 23 maio 2025.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Gramática**. São Paulo: Ática, 1992.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ciência da Informação**, v. 33, p. 55-67, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/QpQtpCHGy84W3vFdqYZqjRp/>. Acesso em: 23 maio 2025.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7–31, jul./dez. 1999.

HARLAN, Mary Ann. **Information practices of teen content creators: the intersection of action and experiences**. A Grounded Theory study. 2012. Thesis (Doctor of Philosophy) - School of Information Systems, Science and Engineering Faculty, Queensland University of Technology, Queensland, Austrália, 2012. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/57125/>. Acesso em: 25 maio 2025.

LE BRETON, David. **Antropología del dolor**. Barcelona: Seix Barral, 1999.

LLOYD, Annemaree. Building information resilience: how do resettling refugees connect with health information in regional landscapes—implications for health literacy. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 45, n. 1, p. 48-66, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00048623.2014.884916>. Acesso em: 23 maio 2025.

LLOYD, Annemaree. Framing information literacy as information practice: site ontology and practice theory. **Journal of Documentation**, Leeds, v. 66, n. 2, p. 245-258, 2010.

LLOYD, Annemaree. Stranger in a strange land; enabling information resilience in resettlement landscapes. **Journal of Documentation**, Leeds, v. 71, n. 5, p. 1029-1042, 2015. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/jd-04-2014-0065/full/html>. Acesso em: 23 maio 2025.

MCKENZIE, Pamela J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of documentation**, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00220410310457993/full/htm>. Acesso em: 23 maio 2025.

MISQUIATTI, Andréa Regina Nunes; BRITO, Maria Claudia; FERREIRA, Fernanda Terezinha Schmidt; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, Francisco Baptista. Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. **Revista Cefac**, v. 17, p. 192-200, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/3pfYytcbXMZxHhHFNFPwWHP/>. Acesso em: 23 maio 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday life information seeking: Approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & information science research**, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0740818895900489>. Acesso em: 23 maio 2025.

TUOMINEN, Kimmo; SAVOLAINEN, Reijo; TALJA, Sanna. Information literacy as a sociotechnical practice. **The Library Quarterly**, v. 75, n. 3, p. 329–345, 2005.